

Aula 62 – Psicogênese da Língua Escrita (Emilia Ferreiro)



Objetivos de Aprendizagem Ao final desta aula, você será capaz de:

1. **Analisar** os fundamentos teóricos da Psicogênese da Língua Escrita, diferenciando método de ensino de teoria de aprendizagem.
2. **Identificar** e diagnosticar com precisão as hipóteses de escrita (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética) através de sondagens.
3. **Planejar** intervenções pedagógicas estratégicas para cada nível, integrando tecnologias digitais e literatura inclusiva.
4. **Orientar** professores na gestão de sala de aula heterogênea, utilizando dados de escrita para personalizar o ensino.

Contextualização e Relevância

Por que dominar esta teoria?

A alfabetização é o alicerce de todo o processo escolar. Para o Coordenador Pedagógico, dominar a teoria de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky não é apenas uma questão acadêmica, mas uma ferramenta prática de gestão da aprendizagem. Muitas vezes, professores recém-formados ou aqueles presos a métodos tradicionais interpretam o "erro" do aluno como falta de inteligência ou de atenção. O papel do coordenador é transformar essa visão, demonstrando que o erro é, na verdade, uma "hipótese construtiva" — uma tentativa inteligente da criança de compreender o sistema de representação da escrita.

- ❏ Em 2025, revisitamos essa teoria clássica sob a luz da **Neurociência Cognitiva** e da **Cultura Digital**. Compreender como o cérebro processa a linguagem escrita e como as novas tecnologias podem acelerar ou diversificar esse processo é vital.

Estrutura da Aula

Mapa da Jornada de Aprendizagem

01

Fundamentos Teóricos

O impacto da Psicogênese e a visão neurocientífica atual.

02

Os Níveis de Escrita

Detalhamento profundo das quatro grandes hipóteses.

03

Diagnóstico (Sondagem)

Protocolos de aplicação e análise de dados.

04

Intervenções Pedagógicas

O que fazer em cada nível (incluindo tecnologias e DUA).

05

Alfabetização Inclusiva

A perspectiva antirracista e o respeito à diversidade.

A Revolução Conceitual: Do "Como se Ensina" para o "Como se Aprende"

Antes da Psicogênese

- Foco no método de ensino
- Criança como "tábula rasa"
- Culpabilização do aluno pelo não-aprendizado
- Debate: fônico vs. silábico vs. global

Depois da Psicogênese

- Foco no processo de aprendizagem
- Criança como construtora ativa
- Erro como hipótese inteligente
- Compreensão dos processos cognitivos

Antes da divulgação dos estudos de Emilia Ferreiro na década de 1980, a alfabetização era majoritariamente focada no método de ensino. A preocupação central dos educadores e gestores era definir se o método fônico, silábico ou global era o mais eficiente. A criança era vista como uma *tábula rasa*, dependente inteiramente dos estímulos externos para aprender a associar sons e letras. Se o aluno não aprendia, a culpa recaía sobre sua "imaturidade" ou sobre deficiências biológicas e sociais. Ferreiro inverteu essa lógica radicalmente ao deslocar o foco do ensino para a aprendizagem, investigando a natureza dos processos cognitivos infantis.

📌 **Ponto-chave:** A Psicogênese da Língua Escrita postula que a criança não espera ter um professor à frente para começar a pensar sobre a escrita. Desde muito cedo, em contato com o mundo letrado — rótulos, placas, telas de celular —, a criança constrói teorias explicativas sobre o que é e para que serve aquele sistema de marcas gráficas.

Conexões com a Neurociência Moderna

O coordenador pedagógico deve clarear para sua equipe que Ferreiro não propôs um novo método de ensino, mas sim descreveu o caminho evolutivo do pensamento da criança. Entender isso é crucial para evitar a "metodologização" equivocada da teoria, onde professores apenas "esperam a criança amadurecer" sem intervir.

Descoberta de Dehaene

O cérebro humano não evoluiu biologicamente para ler; a leitura é uma invenção cultural recente.

Reciclagem Neuronal

Para ler, o cérebro precisa "reciclar" áreas neuronais originalmente destinadas ao reconhecimento de objetos e faces.

Desafio Cognitivo

A criança precisa compreender que as letras não são desenhos, mas símbolos abstratos onde orientação e posição mudam o valor sonoro.

Esse processo de reciclagem neuronal exige que a criança compreenda que as letras não são desenhos (que mantêm o significado independentemente da orientação), mas símbolos abstratos onde a orientação e a posição mudam o valor sonoro e semântico (como a diferença entre 'p', 'q', 'b' e 'd'). As hipóteses de escrita descritas por Ferreiro são, na verdade, a manifestação externa desse intenso trabalho neural de categorização e decodificação que ocorre no córtex visual e nas áreas de linguagem.

A Hipótese Pré-Silábica: O Início da Jornada



No nível pré-silábico, a criança ainda não compreende que a escrita é a representação da fala. Para ela, escrever e desenhar são atividades muito próximas, embora já comece a fazer distinções fundamentais. Inicialmente, o aluno pode acreditar que se escreve desenhando o objeto. Com o tempo, ele percebe que a escrita utiliza formas diferentes (letras, números, garatujas), mas ainda não estabelece vínculo entre a pauta sonora e a pauta gráfica. É comum, nesta fase, a criança utilizar letras do próprio nome para escrever qualquer palavra, ou variar as letras aleatoriamente para que "não fique igual".



Hipótese de Quantidade Mínima

São necessárias pelo menos três letras para que algo possa ser lido; palavras com duas ou uma letra são rejeitadas como "não legíveis".



Hipótese de Variedade

As letras não podem se repetir de forma adjacente (ex: "AAA" não serve para ler).

O Realismo Nominal

Uma característica marcante do pré-silábico é o **realismo nominal**. A criança acredita que a escrita representa as características físicas do objeto, e não o seu nome. Por exemplo, ao pedir para a criança escrever "formiga" e "boi", ela pode usar muitas letras para "boi" (porque o animal é grande) e poucas letras para "formiga" (porque o animal é pequeno). Esse fenômeno demonstra que o aluno ainda está preso ao significado (semântica) e desconectado do significante (sonoridade).

- ☐ **Para o coordenador pedagógico:** Identificar o realismo nominal é um indicativo claro de que o professor precisa trabalhar intensamente a consciência fonológica. O desafio pedagógico não é "ensinar as letras" isoladamente, mas sim quebrar a lógica de que a escrita representa o tamanho ou a importância do objeto, guiando a atenção da criança para a sonoridade das palavras.

Intervenções Pedagógicas no Nível **Pré-Silábico**

A intervenção no nível pré-silábico deve focar em dois eixos: a distinção entre desenho e escrita e a introdução à estabilidade da escrita (nomes próprios). O coordenador deve orientar o professor a criar um ambiente alfabetizador rico, onde a escrita tenha função social real. Não se trata de cobrir pontilhados, mas de expor a criança a situações onde a escrita comunica algo. O uso dos nomes próprios é a estratégia de ouro nesta fase, pois o nome é a "palavra estável" que serve de banco de dados para a criança consultar formas e quantidades de letras.

Estratégias Práticas e Híbridismo

Em 2025, as intervenções podem e devem ser mediadas por tecnologia. O uso de tablets ou lousas digitais permite que a criança arraste letras móveis virtuais, facilitando a experimentação sem o medo do "erro definitivo" do papel e lápis. Uma atividade potente é o uso de teclados físicos ou virtuais. Ao digitar, a criança percebe que as letras são finitas e padronizadas, ajudando a superar a fase das garatujas.



Categorização

Separar cartões que contêm desenhos de cartões que contêm textos/palavras.



Lista de Referência

Construção coletiva dos nomes da turma, organizados por letra inicial ou por sons semelhantes.



Escrita Espontânea Contextualizada

Solicitar que a criança escreva a lista de compras do supermercado ou os ingredientes de uma receita, mesmo que use garatujas, e depois "leia" o que escreveu (leitura interpretativa).

O papel do coordenador é observar se o professor está desafiando a criança. Perguntas como "Você acha que para escrever 'boi' precisamos de muitas letras? Vamos falar a palavra 'boi'? Quantas vezes abrimos a boca?" são essenciais para desestabilizar a hipótese do realismo nominal e empurrar o aluno para o próximo nível.

Nível 2

A Hipótese Silábica: O Salto Qualitativo

A transição para a hipótese silábica representa uma revolução cognitiva. Pela primeira vez, a criança compreende que a escrita está relacionada à pauta sonora da fala. Ela estabelece uma correspondência quantitativa: para cada sílaba oral (cada "pedacinho" falado), ela registra um símbolo gráfico. Se a palavra é "CA-VA-LO", a criança escreverá três símbolos. Este é um momento que exige celebração e atenção redobrada da equipe pedagógica, pois é a prova de que a análise fonológica começou.

Silábica sem valor sonoro

A criança marca a quantidade de sílabas, mas usa letras aleatórias.

Exemplo: Para PATO, escreve X R


Silábica com valor sonoro

A criança utiliza letras que correspondem efetivamente a um dos sons da sílaba, geralmente as vogais.

Exemplo: Para PATO, escreve A O

O Conflito Cognitivo e a Leitura

Nesta fase, a criança enfrenta um conflito interessante. Se ela for solicitada a escrever palavras monossílabas (como PÉ ou MÃO) e estiver operando sob a hipótese de quantidade mínima (que exige pelo menos três letras), ela entrará em crise. Ela sabe que PÉ tem apenas um som, mas acredita que não pode escrever com uma só letra. Observar como a criança resolve esse conflito (adicionando letras "mudas" ou ignorando a regra de quantidade) fornece dados valiosos sobre a flexibilidade do seu pensamento.

 **Importante:** O coordenador deve orientar os professores a não corrigirem "com caneta vermelha" essas escritas. Dizer que está "errado" quando a criança escreve "AO" para "GATO" é desconsiderar a lógica perfeita que ela acabou de construir. A intervenção deve ser no sentido de mostrar que aquela escrita, embora lógica para a criança, ainda não é legível para os outros, gerando a necessidade de aprimoramento do sistema.

Intervenções Pedagógicas no Nível Silábico

O foco no nível silábico é desestabilizar a ideia de que uma letra basta para representar uma sílaba. O professor precisa provocar o aluno a perceber que "A" pode ser o começo de "AMORA" mas também o final de "BOLA", e que apenas o "A" não define a palavra inteira. O trabalho sistemático com o alfabeto móvel é indispensável aqui. Ao montar palavras com letras móveis, sobrarão letras se a criança usar apenas uma por sílaba, ou faltarão letras se ela tentar preencher a palavra.

Potencializando a Consciência Fonológica

A **Consciência Fonológica**, tema da nossa próxima aula, deve ser intensificada. Jogos de aliteração (palavras que começam igual) e rima (palavras que terminam igual) ajudam a criança a perceber os sons internos das sílabas.



Palavras Cruzadas e Lacunadas

Oferecer a estrutura da palavra com algumas letras já preenchidas (ex: C _ V _ L _ para CAVALO). Isso força a criança a pensar nas consoantes ou vogais que faltam.



Comparação de Escritas

Colocar a criança em dupla com um colega de nível mais avançado. A interação entre pares na zona de desenvolvimento proximal é extremamente eficaz.



Tecnologias Adaptativas

Softwares que leem em voz alta o que a criança escreveu, promovendo a auto-regulação através do feedback auditivo imediato.

Nível 3

A Hipótese Silábico-Alfabética: A Transição Crítica

A hipótese silábico-alfabética é um momento de transição instável e, por vezes, confuso para a criança (e para professores inexperientes). A criança começa a perceber que a sílaba é composta por mais de uma letra, mas oscila entre a lógica silábica (uma letra por sílaba) e a lógica alfabética (todas as letras necessárias). Numa mesma palavra, ela pode escrever sílabas completas e sílabas incompletas. Por exemplo, para "DINOSSAURO", ela pode escrever "DI NO SA U O". Note que "DI" e "NO" estão completos (alfabéticos), mas "SA" e "RO" (representado por O) ainda guardam resquícios silábicos.

Atenção: Esta fase é marcada por grande esforço cognitivo. A criança já sabe que escrever "AO" para "GATO" é insuficiente, mas ainda não automatizou a análise fonêmica completa. O coordenador deve alertar a equipe de que, paradoxalmente, a escrita da criança pode parecer "piorar" ou ficar mais "suja", com muitas rasuras e correções. Essas rasuras são sinais de inteligência em ação, tentativas de ajuste à norma convencional.

Gestão da Ansiedade Docente e Discente

Muitos professores ficam ansiosos nesta etapa, querendo forçar a memorização de famílias silábicas (ba-be-bi-bo-bu) para "acelerar" o processo. O coordenador deve intervir, explicando que o retorno a métodos mecânicos pode bloquear o raciocínio analítico da criança. O aluno precisa de tempo e de desafios que o façam refletir sobre a estrutura interna da sílaba, especialmente as sílabas complexas (consoante-vogal-consoante, como em "POR-ta").

Intervenções no Nível Silábico-Alfabético

A intervenção pedagógica aqui deve ser cirúrgica: focar na análise das sílabas e na completude da representação sonora. É hora de trabalhar intensamente com a formação de palavras a partir de sílabas móveis e a análise de fonemas.

1

Análise de Sílabas Complexas

Desafiar a criança a escrever palavras que fogem do padrão Consoante-Vogal (CV). Palavras com dígrafos (CH, NH, LH) ou encontros consonantais (PRato, BLusa) são ótimas para provocar o avanço para a base alfabética, pois a hipótese silábica simples não dá conta desses sons.

2

Bingo de Sons e Letras

Focar não apenas na letra inicial, mas nas letras do meio e do final das palavras.

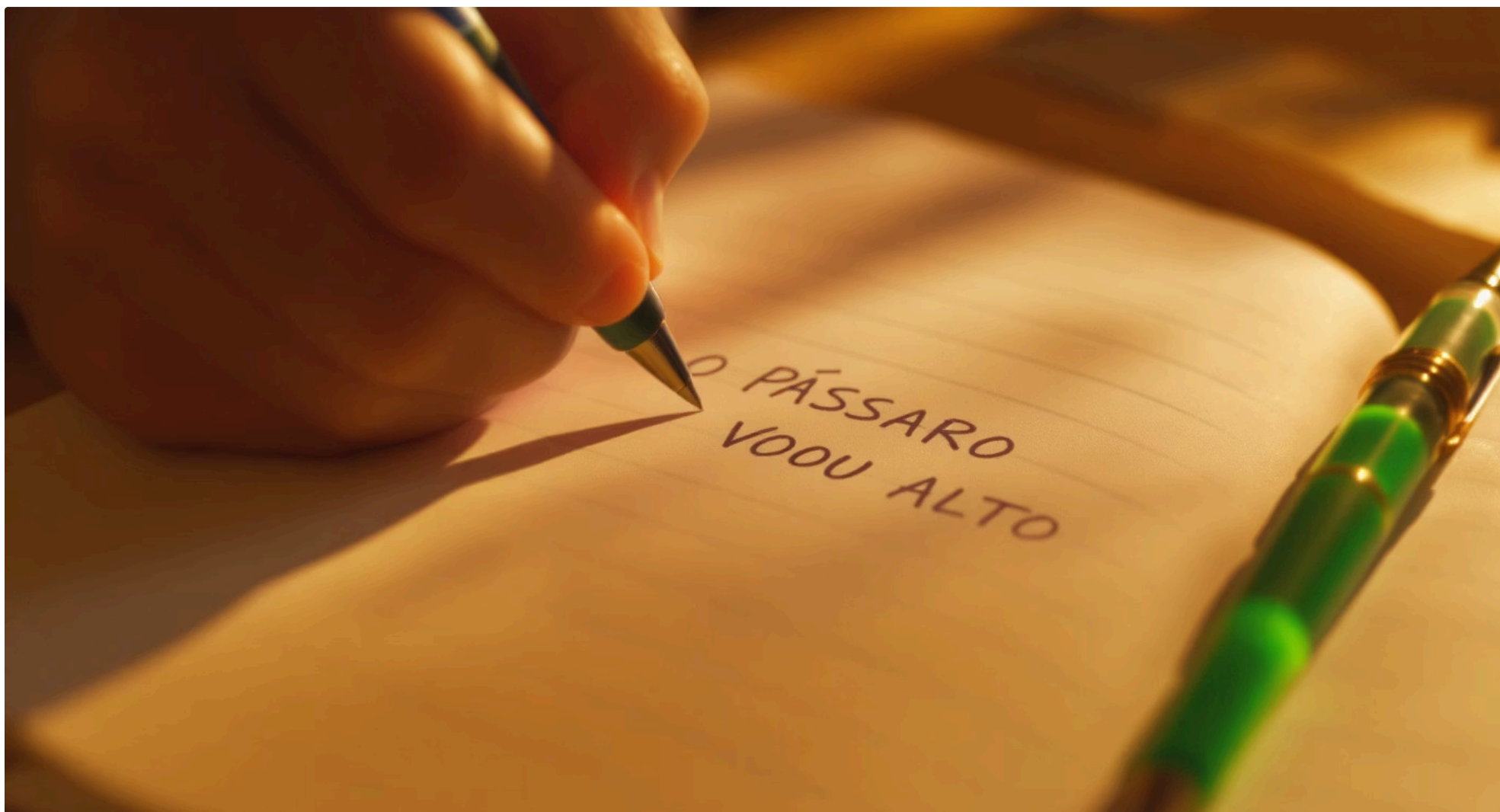
3

Reescrita Coletiva

O professor escreve na lousa como a criança ditou (com as omissões) e pede ajuda à turma para "completar para que todos possam ler". "Olhem, aqui está escrito 'CVALO', está faltando algo para fazer o som do 'CA'?".

O uso de **Educação Baseada em Dados** entra forte aqui. O professor deve registrar quais tipos de sílabas a criança já domina e quais ainda omite, personalizando as atividades de casa e de sala para atacar especificamente essas lacunas.

A Hipótese Alfabética: O Fim do Início



Atingir a hipótese alfabética significa que a criança compreendeu a lógica do sistema de escrita: cada fonema (som) corresponde, em princípio, a um grafema (letra). Ela consegue escrever todas as palavras representando todos os sons. No entanto, o coordenador deve ser enfático: **ser alfabético não significa ser ortográfico**. Uma criança alfabética pode escrever "CASA" como "KAZA" ou "HOJE" como "OJE". Ela está foneticamente correta (os sons batem), mas ortograficamente desviante.

Neste ponto, encerra-se o ciclo da alfabetização em sentido estrito (aquisição do código) e inicia-se o ciclo do letramento e da ortografia. O erro ortográfico nesta fase é saudável e esperado. Ele demonstra que a criança ouve o som e busca uma letra para representá-lo. Como nossa língua é opaca (um som pode ter várias letras, como o som de /s/ em 'sapo', 'cinto', 'passo', 'nascimento'), a ortografia é uma convenção social que deve ser aprendida através da leitura e do uso, não apenas da memorização de regras isoladas.

☐ **Lembre-se:** O erro ortográfico é diferente do erro de hipótese. Valorize o progresso!

O Papel da Literatura e da Cultura Digital

A consolidação da fase alfabética exige imersão em leitura. Aqui, a **Educação Antirracista** deve ser transversal. O coordenador deve garantir que o acervo literário disponível inclua protagonistas negros, indígenas e de diversas configurações familiares, para que a criança se veja representada na língua que agora domina. A leitura não é apenas decodificação, é construção de identidade.


Nas tendências digitais, o uso de corretores ortográficos pode ser uma ferramenta de aprendizado, não de "cola". Observar como o computador sugere a correção de "KAZA" para "CASA" pode gerar discussões ricas sobre as convenções da língua.

O Processo de **Sondagem** (Diagnóstico)

A sondagem é a principal ferramenta de gestão pedagógica da alfabetização. Não é uma prova para dar nota, mas um instrumento de investigação. O coordenador deve padronizar o protocolo de sondagem na escola para garantir que os dados sejam comparáveis ao longo do ano letivo.

Protocolo de Aplicação

1. Ambiente Individual, tranquilo e sem interferências visuais (sem alfabeto na parede ou dicas).	2. Instrumento Folha de papel em branco, sem pautas se possível, e lápis.	3. Lista de Palavras Deve-se ditar quatro palavras do mesmo campo semântico. A ordem deve ser da polissílaba para a monossílaba (ex: RINOCERONTE, GIRAFA, PATO, RÃ).
4. A Frase Ao final, dita-se uma frase contendo uma das palavras da lista para verificar a estabilidade da escrita no contexto da oração.	5. A Leitura Após escrever, a criança deve ler o que escreveu apontando com o dedo. Esse gesto revela se a leitura é global ou silabada.	

 **DICA DE GESTÃO:** Realize sondagens periódicas (bimestrais ou trimestrais). Transforme esses resultados em gráficos visuais para a sala dos professores. A "gestão à vista" do progresso da alfabetização motiva a equipe e permite intervenções rápidas.

Gestão Baseada em Dados e Replanejamento



Com os resultados da sondagem em mãos, o coordenador assume seu papel analítico. Não basta arquivar as sondagens; é preciso tabular os dados. Quantos alunos estão em cada hipótese? Houve evolução em relação ao mês anterior? Se uma turma inteira estagnou no nível silábico, isso pode indicar que as intervenções do professor não estão gerando conflito cognitivo suficiente.

Mapeamento da Sala e Agrupamentos Produtivos

Agrupamentos Eficazes

- Pré-silábico com silábico
- Silábico com silábico-alfabético
- Silábico-alfabético com alfabético

Agrupamentos Ineficazes

- Pré-silábico com alfabético (distância muito grande)
- Todos do mesmo nível (sem desafio)

O coordenador deve orientar o professor a usar esses dados para criar **agrupamentos produtivos**. Sentar um aluno pré-silábico com um alfabético pode ser frustrante para ambos (a distância é muito grande). O ideal é agrupar hipóteses próximas: pré-silábico com silábico; silábico com silábico-alfabético. Isso cria uma zona de desenvolvimento proximal onde a troca é possível e benéfica.

A gestão de dados também serve para a comunicação com as famílias. Mostrar a evolução da hipótese de escrita aos pais, explicando que a escrita "estranha" é na verdade um progresso científico da criança, acalma ansiedades e engaja a família no processo.

Consolidação e Encerramento

Chegamos ao fim desta análise profunda sobre a Psicogênese da Língua Escrita. Vimos que a alfabetização é um processo complexo de reconstrução do sistema de representação, e não uma simples memorização de códigos. O papel do coordenador é ser o guardião dessa visão científica e humanizada, orientando a equipe para diagnósticos precisos e intervenções eficazes, respeitando a diversidade e integrando as ferramentas do nosso tempo.



Resumo dos Conceitos-Chave

Psicogênese

Não é método, é teoria de aprendizagem. A criança constrói conhecimento ativamente.

Pré-Silábico

Escrita não vinculada à pauta sonora; realismo nominal.

Silábico

Descoberta da relação sonora (uma letra = uma sílaba).

Silábico-Alfabético

Fase de transição e conflito; escrita mista.

Alfabético

Compreensão do sistema fonema-grafema; início da ortografia.

Perguntas para Reflexão

1. Como sua escola realiza a sondagem hoje? É um mero registro burocrático ou uma ferramenta viva de planejamento?
2. Você consegue identificar se seus professores ainda confundem "aluno que não sabe nada" com "aluno pré-silábico"? Como intervir nessa percepção?
3. O acervo literário da alfabetização na sua escola é representativo da diversidade racial e cultural brasileira?
4. Como as tecnologias digitais podem ser inseridas para apoiar alunos com dificuldades específicas na transição do nível silábico para o alfabético?

📌 Próximos Passos

Agora que entendemos **como** a criança pensa a escrita, precisamos entender profundamente o "motor" auditivo que impulsiona esse processo. **Próxima Aula: Aula 63 – Consciência Fonológica e o Processo de Leitura** – Vamos explorar as habilidades de manipulação dos sons da fala (rima, aliteração, consciência silábica e fonêmica) essenciais para a fluência leitora.

"Por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa."
– Emilia Ferreiro